

Simonsen adverte: controlem a demanda ou será o brejo.

"Se não houver controle da demanda, todo o programa de estabilização vai para o brejo", desabafou ontem pela manhã o ex-ministro da Fazenda e Planejamento, Mário Henrique Simonsen, após uma conferência em que abordou o tema das "Expectativas racionais, a teoria dos jogos e a inflação inercial". A exposição foi feita principalmente para o público acadêmico presente à sessão matinal do 7º Encontro Latino-Americano da Econometric Society.

Simonsen estabeleceu os elementos de ligação entre a teoria e a prática econômica. Na exposição, debateu a Teoria das Expectativas Racionais, desenvolvida nos Estados Unidos, segundo a qual os agentes econômicos (as famílias e empresas que consomem e vendem bens e serviços) agem conforme suas convicções e não conforme o discurso oficial; a Teoria das Expectativas Adaptativas (a teoria convencional de preços), segundo a qual há um contínuo ajustamento dos agentes econômicos à política das autoridades; o ponto de equilíbrio de Nash, uma situação em que, dado o comportamento dos demais agentes econômicos, não compensa mudar a conduta. Afinal, a Teoria dos Jogos (desenvolvida nos Estados Unidos por autores como A.J. Jones) busca determinar o que é comportamento racional em economia. Isto é: de que forma a atuação combinada dos agentes resulta em maiores ganhos para todos. A discussão teórica ocorre sobre dois elementos: os jogos cooperativos (nos quais todos os parceiros ganham) e os jogos não-cooperativos (nos quais só uns ganham e outros perdem).

Quando o governo busca fazer uma política de rendas, ou seja, estabelecendo regras para preços e salários, tenta atuar contra a inflação inercial (alimentada principalmente pela indexação), como faz o Brasil, atualmente. De que forma as teorias ajudam a explicar o que se passa na prática? Na teoria, sugeriu o ex-ministro, existem as inércias da credibilidade (o governo faz políticas monetárias e fiscal, mas os agentes não acreditam e a inflação dispara) e de Fischer-Taylor (decorrente de "contratos salariais justapostos" — indexação salarial — e outros contratos que se corrigem com a inflação). Simonsen identifica porém uma terceira inércia, mais forte: a reação não previsível das pessoas ante questões estratégicas. Aí entram a Teoria dos Jogos e o conflito entre a Teoria das Expectativas Racionais e os jogos não-cooperativos. Mas, admite Simonsen, não há respostas definitivas. "A Teoria dos Jogos não responde qual é o comportamento mais racional e qual o conceito de racionalidade *a priori*." Ou seja, uma avaliação só é possível depois de os fatos ocorrerem.

O objetivo da economia deve ser a participação cooperativa dos agentes econômicos, o que o governo busca fazer ao definir sua política de rendas, a qual, por sua vez, pretende estabilizar a inflação a um nível baixo. A função da política de renda, disse Simonsen, "é orquestrar o equilíbrio de Nash; isto fornece a razão teórica para acoplar um forte programa antiinflacionário e políticas de rendas".

O ex-ministro usou as equações contidas em seu trabalho (rendido em inglês e com 53 páginas, mais nove de anexos) para discutir as possibilidades dos participantes da Teoria dos Jogos (ou seja, os agentes econômicos). Ao final, Simonsen mostrou que as políticas de rendas — que têm aspectos bons e aspectos maus — não podem deixar de ser acompanhadas pelo controle da demanda e, ainda, pela redução do déficit público. E arrematou lembrando que sua palestra forneceu o arcabouço teórico para discutir a inflação inercial e a política de rendas: "Ela estabelece as cautelas para que as teorias sejam bem usadas". (F.P.J.)